

Série Vaga-Lume



NA ILHA DO DRAGÃO

Maristel Alves dos Santos

Ilustrações

Luiz Gê



editora ática

Na ilha do dragão

© Maristel Alves dos Santos, 2002

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editora	Carmen Lucia Campos
Editora assistente	Elza Mendes
Preparadora	Maria Luiza Xavier Souto
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisores	Agnaldo S. Holanda Lopes Ana Luiza Couto

ARTE

Editora	Suzana Laub
Editor assistente	Antonio Paulos
Editoração eletrônica	Flavio Peralta (Estúdio O.L.M) Claudemir Camargo
Editoração eletrônica de imagens	Cesar Wolf

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S236n

Santos, Maristel

Na ilha do dragão / Maristel Alves dos Santos ;
ilustrações Luiz Gê. - 1.ed. - São Paulo : Ática, 2003.
200p. : il. - (Vaga-Lume)

Contém suplemento de leitura
ISBN 978-85-08-08685-6

1. Ecologia - Literatura infantojuvenil. 2. Literatura
infantojuvenil brasileira. I. Gê, Luiz. II. Título. III. Série.

10-5681.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 08685-6

CL: 731798

CAE: 220766

2017

1ª edição

9ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Atendimento ao cliente: (0xx11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Atenção: ligue todos os sentidos! Tem ação, suspense e muito humor

O Capitão Dragon teve seu corpo esquartejado e jogado ao mar. Nos últimos instantes de vida teria lançado uma maldição: 'Não descansaria nem após a morte. Seu fantasma seria guardião do tesouro e atacaria quem dele se aproximasse'."

Essas palavras provocam um arrepio em Carol. Não é sem motivo: ela e seus amigos estão passando uns dias na Ilha do Dragão, assim chamada porque todos acreditam que a maldição desse famoso pirata inglês paira sobre a ilha. Não é só isso: sua intuição lhe diz que esse tranquilo e paradisíaco lugar encerra segredos que ultrapassam as estranhas lendas dos supersticiosos habitantes locais.

Mal sabe Carol o quanto sua intuição está certa! Num cenário de deslumbrante paisagem, tartarugas seculares, aves raras e de certas pessoas feias de meter medo, essa turma de amigos vai ter de enfrentar perigos que nunca imaginou. Uma aventura de dar inveja ao mais terrível pirata! Cheia de suspense, emoção — bom humor também não falta — e com um desfecho inacreditável.

Conhecendo

Maristel Alves dos Santos

Nasci em Ribeirão Preto, interior de São Paulo. E lá passei a infância, adolescência e começo da juventude.

Estudei Comunicação Social e Ciências Biológicas. Através de um intercâmbio acadêmico vim para a cidade de Tübingen, na Alemanha, onde fiz pós-graduação em Antropologia. E onde atualmente faço uma combinação peculiar de cursos: Ciência da Mídia, Letras e História.

Cresci numa casa abarrotada de livros e meu interesse por eles começou cedo. Ainda na infância me aventurei em criações literárias próprias; fiz até versinhos para o galã da classe (que nunca foram declamados e o galã casou com outra).

Na adolescência vieram os contos e premiações em concursos literários. Vieram também Agatha Christie, cheia de mistério e desvendando crimes; Lygia Fagundes Telles, desvendando emoções; e uma professora de redação chamada Maria Helena, que me disse: Maristel, você tem jeito para escrever.

Então eu cresci e continuei escrevendo, para jovens e adultos.

Na Ilha do Dragão é meu segundo livro publicado. E foi uma delícia pô-lo no papel. É que escrever é um ato que me encanta. Parece que salto para dentro das páginas e tomo parte na aventura, ou será que é a aventura que salta do papel e toma conta de mim?... Bom, enfim, tornar-me escritora foi fazer do meu *hobby* minha profissão.



Foto: Mathias Althoff

“O oceano todo se transforma quando uma pedra é lançada nele.”
(Blaise Pascal, filósofo e matemático francês)

A Nadir e Herculano, que lançaram muitas pedras.

Agradecimentos a Stube e a Akademie Bad Boll.

Sumário

<i>Prólogo</i>	9
<i>1. E tem início o feriado</i>	12
<i>2. A ida</i>	16
<i>3. E um continente fica para trás</i>	21
<i>4. Chegando à ilha</i>	27
<i>5. A pousada MaréBoa</i>	31
<i>6. Um jantar e alguns mistérios</i>	36
<i>7. Barril x Frederico</i>	46
<i>8. A praia do Ovo</i>	58
<i>9. Rumo ao Forte</i>	64
<i>10. A fortaleza, o Angaturama, o dêjà-vu</i>	71
<i>11. Perdidos na mata</i>	77
<i>12. Pânico na choupana</i>	82
<i>13. Visitas inesperadas</i>	90
<i>14. Ciro não tão Torto</i>	96
<i>15. Ciro e a maldição do pirata</i>	103
<i>16. De volta ao passado, uma história dos sete mares</i>	109
<i>17. Nem sinal de Frédi</i>	118

<i>18. Um telefonema bizarro</i>	<i>122</i>
<i>19. Os suspeitos</i>	<i>127</i>
<i>20. Escalada do perigo</i>	<i>137</i>
<i>21. A verdade vem à tona</i>	<i>142</i>
<i>22. Acerto de contas</i>	<i>150</i>
<i>23. Piratas, Titanic, DiCaprio e VUPT.. o impossível vira do avesso</i>	<i>159</i>
<i>24. A bordo e à deriva</i>	<i>166</i>
<i>25. A baleia</i>	<i>174</i>
<i>26. Guerra pelo tesouro</i>	<i>182</i>
<i>27. E o feriado chega ao fim</i>	<i>187</i>
<i>Epílogo</i>	<i>195</i>

PRÓLOGO

Carolina sentou-se na calçada da Rua do Bosque com o livro que havia retirado da biblioteca: *Piratas famosos da História*. Começou a folheá-lo e passou pelo Barba Negra, Henry Morgan, Jean Lafitte, François l'Ollonais, Anne Bonny... “Que legal, uma mulher pirata”, pensou e ficou feliz em saber que havia representantes femininas no ofício, mesmo sendo este de caráter duvidoso.

... *Pirata Dragon, o temido*, era a página que queria.

Edward William Chester, Inglaterra 172? — Oceano Atlântico 1770.

No comando do Black Pearl, o navio pirata mais temido da época, E. W. Chester assombrou os mares por duas décadas. Mais conhecido como Capitão Dragon (alusão à figura de proa de sua nau — uma criatura marinha com cabeça de dragão), ele atacou e furtou inúmeras fragatas entre os anos de 1751 e 1770, acumulando, assim, uma grande fortuna roubada.

Em 1768, Edward William Chester passou a ser procurado vivo ou morto. Mas foi somente no ano de 1770 que uma frota da marinha inglesa localizou o Black Pearl. No dia 18 de abril daquele ano, após uma batalha sangrenta em meio ao Atlântico, a tripulação pirata foi capturada. O Capitão Dragon teve seu corpo esquartejado e jogado ao mar. Nos últimos instantes de vida teria lançado uma maldição: “Não descansaria nem após a morte. Seu fantasma seria guardião do tesouro e atacaria quem dele se aproximasse”.

E a carga valiosa do Black Pearl nunca foi encontrada. Os poucos sobreviventes da tripulação, mesmo sob tortura, não confessaram o que fora feito dela. Conta a lenda que o tesouro estaria num local chamado Toca da Baleia, mas outros acreditam que seu paradeiro foi o Atlântico sul, numa ilha chamada Mon-

tesverdes. E tão fortes foram tais rumores que o lugar perdeu seu nome oficial e passou a ser conhecido como Ilha do Dragão.

Atualmente tranquila e frequentada por turistas, a ilha é um paraíso natural excelente para férias e pesca. E nenhum tesouro foi encontrado no local.

Carolina observou a ilustração que acompanhava o texto. Um homem de aparência ríspida, barba longa e brincos de argola; carregava pistola e espada na cintura. Seus olhos eram cáusticos, como se dissessem: “Duvida do meu tesouro? Duvida da minha maldição?”.

A menina estremeceu, a ideia de passar o feriado prolongado na Ilha do Dragão causou-lhe medo. Teve a sensação de que aquelas férias seriam mais do que praia, sol e mar.

Mas, segundos depois, fechou o livro com um golpe. E assim espantou o estranho presságio.

“Era só uma lenda. Bobagem tudo isso”, pensou ela. “Não há tesouro nem fantasma de dragão. Essa ilha deve ser linda. Eu e os meninos vamos nos divertir à beça. E uns dias de folga na praia são perfeitos para leitura”, sorriu descontraída.

Carolina adorava ler. Aventura, romance, ficção, crimes, contos... Os livros eram seu *hobby* predileto. Já lera até alguns em inglês, presentes do tio que morava na Inglaterra. Dominava bem esse idioma e aprendera inclusive uns xingamentos. O primeiro que questionasse a cor de seus olhos tomaria uma resposta internacionalizada. “É lógico que eles são verdes”, costumava dizer ela. “É só estarem sob iluminação apropriada.”

Os meninos eram Guga, Beto e Barril. Seus vizinhos e colegas de classe.

Guga, na verdade Leonardo Gusmão, era um garoto que fazia pinta de *cool* e para quem o melhor da escola eram as traquinagens em grupo; mas ele se comportava com as Fonseca — duas velhotas do fim da rua que lhe davam aula

de música. Gilberto, o Beto, era um garoto negro, usava óculos e gostava de ciência; vivia fazendo experimentos malucos que ninguém, além dele, entendia. E Barril, cujo verdadeiro nome era Daniel, era o gordo goleiro do time de futebol do bairro. Ele fechava o gol; uns diziam que era por ser bom de bola, outros por suas dimensões corporais.

Carolina, ou Carol, como os amigos a chamavam, pôs o livro debaixo do braço e entrou em casa. Queria estar com tudo pronto para a viagem do dia seguinte. Foi para o quarto despreocupada terminar de arrumar a mala.

Não podia imaginar o quanto seu presságio estava certo.

1 **E TEM INÍCIO O FERIADO**

— **A** *Ilha do Tesouro*, Robert L. Stevenson” — leu Guga em voz alta e com ironia. O livro escapulia pelo zíper da mochila de Carol. — Isso é coisa que se leve na viagem? Nós vamos pra praia. PRAIA! — enfatizou, afundando na testa seu boné amarelo e sujo, com assinaturas e recadinhos de amigos; quase sempre o tinha na cabeça, quase sempre com a aba virada pra trás.

— Tinha certeza de que você ia reclamar do meu livro. Até que demorou muito — a menina jogou a mochila para dentro do porta-mala. O carro de seu Ademar Gusmão, pai de Guga, estava parado na calçada.

— E você, Beto? Pra que esse monte de vidros de geleia vazios? — Guga parecia inconformado com a bagagem dos amigos.

— Pra prender insetos raros — respondeu suspendendo os óculos. — Coletar bichos que não existem no continente.

— Sou o único que vai se divertir — Guga sorriu. O brilho metálico do aparelho ortodôntico apareceu. — Será que ninguém está levando algo “praiano”, como eu? — sobre o teto do carro, amarrava com cuidado a parte principal de sua bagagem: uma prancha de surfe.

— E você lá sabe surfar? A gente é que vai se divertir com seus tombos — retrucou Beto. Mas Guga mal o ouviu, concentrava toda a sua atenção nas amarras. — E não sei pra que tanto cuidado com um pedaço de tábua velha. Deve ter sido usado por Cristóvão Colombo.

Beto tinha razão, a prancha era uma peça de museu. Estava lascada por toda parte; a estampa, uma labareda de



– E você, Beto? Pra que esse monte de vidros de geleia vazios?

fogo, era desbotada e quase irreconhecível. Já devia ter surtido pelos sete mares antes de ir parar na loja de usados onde Guga a comprara. “Segunda mão” era o nome do brechó, mas a prancha devia ser de décima pra cima. Ficara anos encostada num canto perto da porta. O dono da loja já estava pensando em lhe acoplar uns pés e tentar vendê-la como tábua de passar roupa. Então, Guga apareceu com as economias das últimas mesadas. Levou a peça, deixando o homem com um sorriso de orelha a orelha.

Guga firmava o último nó que prendia a prancha ao carro, quando Barril chegou; carregava uma mochila, a bola de futebol e duas sacolas de comida.

— Só estou me prevenindo para o pior — avisou, percebendo reprovação no olhar dos amigos. — E se não houver mercado por lá, hein? Imaginem, ficar ilhado, sem alimentos um ou dois dias.

— Tô vendo. Um ou dois dias... — falou Carol. — Você está levando comida para alimentar um exército durante anos.

— Exagerada! — protestou Barril, procurando um lugar no carro para as sacolas de supermercado estufadas até a boca. — São só uns pãezinhos de forma, bolachas, umas bali-nhas... A propósito — fez cara de quem se lembrara de algo importantíssimo —, nessa ilha tem eletricidade?

— Tem um gerador. Suficiente para as necessidades dos moradores e turistas — respondeu Beto.

— Ótimo! Então, vou em casa buscar uma coisinha. Já volto!

— Já sei! Vai levar a geladeira — comentou Carol, enquanto o garoto se afastava em carreira.

— Barril, vê se não demora. Meu pai não quer se atrasar! Marcou de encontrar seu Peixoto no cais — Guga gritou empurrando mala daqui e mochilas de lá. Desbravou espaço no porta-mala e fez um sinal para Filó, sua cadela. Um *retriever* de pelo loiro saltou para dentro do veículo. Ro-

dopiu duas vezes e largou-se entre um guarda-sol listrado (branco e amarelo) e uma garrafa térmica.

Minutos depois, Barril estava de volta com um saco plástico. Dentro dele havia uma coisa retangular, talvez uma caixa de sapato. Todos ficaram curiosos, mas o garoto não lhes mostrou o que era. Entrou no carro enquanto seu Ademar acenava para a esposa e dava a partida.

Pela primeira vez, Carol, Beto, Guga e Barril saíam de férias juntos. A ideia fora do pai de Guga, ele resolvera acompanhar um colega de trabalho no passeio: uma pescaria fora do continente. Seu Ademar estendeu o convite ao filho e seus amigos, todos toparam na hora.

Convencer os pais foi mais difícil. Carol precisou prometer que arrumaria a bagunça de seu quarto. Limpou guarda-roupa, tirou pó debaixo da cama e até o ferrolho da janela teve que deixar brilhando.

A mãe de Beto estava uma fera com o filho. Dias antes, o garoto misturara dezessete substâncias químicas dentro do liquidificador. Ligou-o e a garagem do pai, que ele chamava de laboratório, quase foi pelos ares. Do pobre eletrodoméstico só sobrou a tampa, encontrada dia seguinte, no quintal da vizinha.

A mãe de Barril lembrou-se do “não se deve nadar depois de comer”. Ficou imaginando o risco constante em que estaria seu filho.

Depois de ouvirem infinitas recomendações como “fiquem só na beira, não vão no fundo, cuidado com o sol do meio-dia, obedeçam a seu Ademar, não briguem, comportem-se, o dinheiro que demos é só para uma necessidade, não gastem com bobagens”, os quatro, finalmente, receberam a permissão para um feriado na Ilha do Dragão.

2 A IDA

— **P**uxa, seu Gugão! Legal essa viagem, hein! ‘Brigado’ por levar a gente — falou Barril.

— O prazer é meu, Daniel. Enquanto Peixoto e eu pescamos, vocês podem se divertir à vontade — respondeu, quando o carro tomava a estrada em direção ao litoral.

— Seu Ademar, já ouviu falar sobre a lenda do Capitão Dragon? Do tesouro escondido na ilha? — perguntou Carol, mas antes da resposta ela desandou a contar o que lera no livro sobre piratas.

— Acho que o Peixoto comentou alguma coisa — disse seu Ademar depois de ouvir o relato. — Ele já esteve na ilha, ano passado. Mas isso é só boato.

— É! Dragão, fantasmas guardiões, essas coisas não existem — completou Beto.

— Eu sei. Só estou repetindo o que estava no livro.

— Por falar nisso, eu tenho uma piada de fantasma! — Barril exclamou.

— Aquela do elevador? — resmungou Guga. — Todo mundo já conhece.

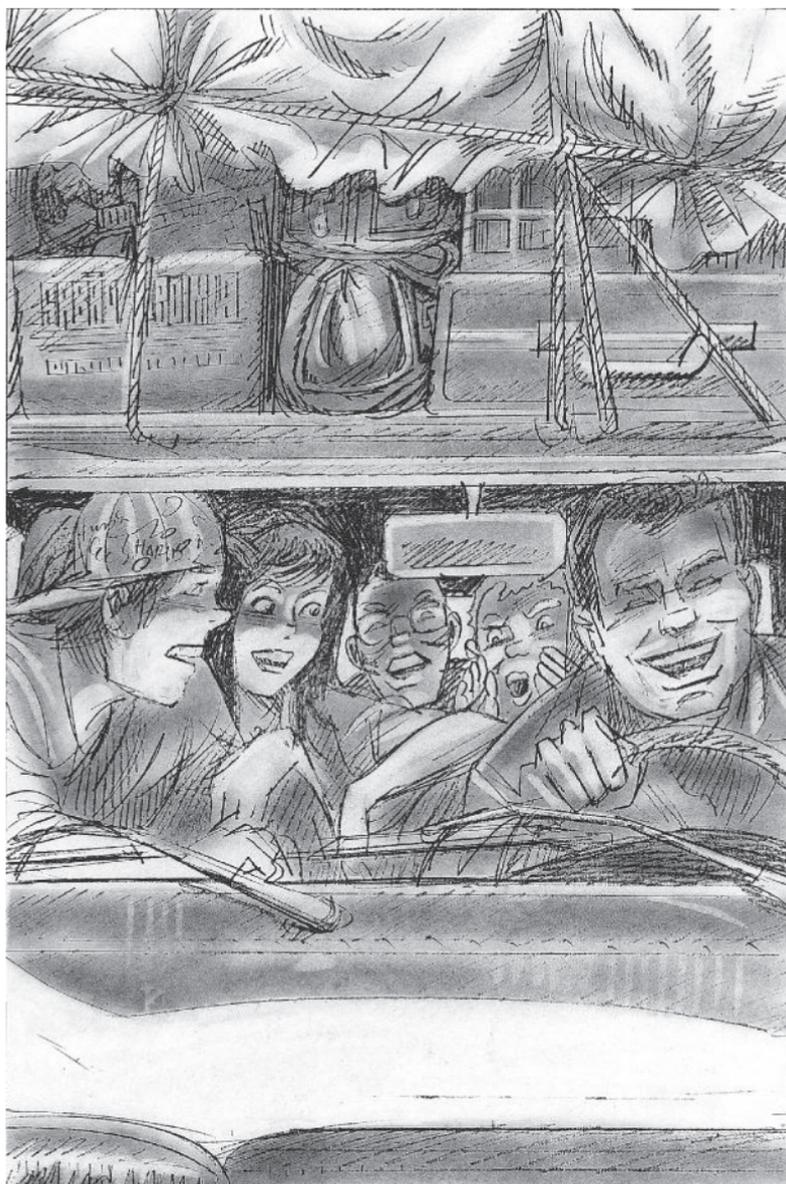
— Eu não — disse seu Ademar. — Pode contar, Daniel.

— Ah, pai... A piada demora duas horas e é super sem graça.

— Melhor ainda — afirmou seu Ademar. — Vai ajudar a passar o tempo. Aliás, que tal fazermos um concurso de piadas?

— Isso, cada um de nós conta a sua — concordou Beto. — O senhor escolhe as mais engraçadas.

— Eu sei uma ótima — adiantou-se Carol. — Essa é pra você, Guga. Três surfistas se encontraram na praia e disseram um para o outro — a menina enrolou a voz como se



– Seu Ademar, já ouviu falar sobre a lenda do capitão Dragon?
Do tesouro escondido na ilha?

tivesse dois chicletes na boca — “E aí... galera?” “E aí... galera?” “E aí... galera?”. Então chegou um quarto e falou “E aí... moçada?”. Os outros três se olharam e responderam “Ihhhh, olha o cara, meu! Mal chegou, já muda o assunto”.

Depois vieram as de papagaio, de bêbado... Foi um festival de anedotas, boas e ruins. Barril contou a do fantasma e arrasou com seu repertório de piadas de elefante. Mas seu Ademar, muito diplomático, disse quilômetros depois:

— Ninguém perdeu. Todas são divertidas.

O protesto foi geral e só parou quando Carol sugeriu outro jogo: Nome de filme.

— No carro não dá. Preciso de espaço pra fazer as mímicas — reclamou Barril.

— Ah, deixa de ser estraga-prazer — Carol falou. — Mas tá bem. Só vale nome que dê pra encenar no carro, ok? Um minuto pra cada filme.

O jogo começou fácil com *Guerra nas estrelas* e *O senhor dos anéis*. Depois se complicou: *Lendas da paixão*, *O xangô de Baker Street*. Logo a dupla Carol/Barril estava em desvantagem.

— A culpa é sua — a menina esbravejou com o parceiro. — Vê se faz uma mímica decente desta vez — precisavam recuperar rapidamente os pontos. Seu Ademar já avisara que estavam chegando.

— Pode deixar. Esse é fácil — gabou-se Barril depois que Beto lhe cochichou no ouvido. Começou sua *performance* cheio de autoconfiança. Após trinta segundos, Carol deu o primeiro palpite:

— Homem?... Mulher?... Um casal? Casamento? — Barril fez sinal de positivo. — *Quatro casamentos e um funeral* — gritou a menina.

— NÃO! — Guga e Beto falaram em coro.

— Uma criança?... O casal tem um filho? Uma criança de colo? — dizia Carol apressada e cada vez mais confusa — ... *O bebê de Rosemary*.

— NÃÃO! — Guga e Beto já começavam a contar vitória. Só faltavam alguns segundos.

— O braço? A mão... — Carol não tinha a menor ideia do que Barril estava querendo dizer. — O quê? O pai e a mãe não têm braço? Pai e mãe sem braço e com filho... Mas...

— Tempo esgotado — gritou Beto de olho no relógio. — Ponto pra gente — levantou a mão no ar e a bateu contra a de Guga. Carol e Barril torceram a cara.

— Sua inútil — berrou o garoto.

— EU? Sua mímica foi de doer — Carol devolveu, mordaz. — Que raio de filme é esse?

— Muito simples: *Ninguém segura esse bebê* — Barril estava indignado com a falta de interpretação da menina.

— Oh, *God!* — Carol espalmou a mão na testa e abanou a cabeça.

— Eu avisei que precisava de mais espaço para as mímicas.

— O problema não é espacial, é anatômico: seu cérebro migrou pra barriga, idio...

— Pessoal, vejam só! — o pai de Guga apontou a paisagem.

Uma explosão de mar azul surgiu no horizonte. O oceano estendia-se até onde os olhos alcançavam e fez com que Carol e Barril se esquecessem de continuar a briga.

— AAAH! — todos disseram admirados, enquanto o carro descia a encosta e se aproximava de Vista Azul, uma cidadela simpática espremida entre as montanhas e o mar, de onde partia o barco para a Ilha do Dragão.

Seu Ademar dirigiu até um estacionamento próximo ao cais. Era o ponto de encontro com Peixoto, que chegara um dia antes para providenciar os apetrechos de pesca.

— Que bom que vieram! — seu Peixoto esperava junto ao portão de ferro. Abriu um sorriso, jogou o cigarro fora e cumprimentou todos com simpatia. — Chegaram na hora! Podem parar ali, perto do meu — apontou uma vaga.

— Os turistas deixam os carros neste estacionamento. Fique tranquilo, Ademar. Conheço o pessoal que toma conta e o ancoradouro não fica longe.

Seu Peixoto e seu Ademar trabalhavam havia muitos anos na mesma firma. Davam-se muito bem, apesar da diferença de idade; Peixoto era bem mais velho, estava prestes a se aposentar. E, então, queria realizar seu antigo sonho: abrir uma loja de pesca.

O pai de Guga manobrou o carro, ainda não tinha desligado o motor e os garotos já começaram a descer e a descarregar a bagagem. Um minuto depois, o grupo seguia a pé pelas ruelas de Vista Azul.

— Será que estamos atrasados? — perguntou seu Ademar.

— Ainda tem tempo — explicou Peixoto. — Antes de sair, o barco dá três apitos. Um a cada cinco minutos. Ele só soltou o primeiro.

— O senhor já esteve na ilha antes, não é? — Carol tentava acompanhar os passos do homem.

— Ano passado. O lugar é lindo, a gente vem pra cá uma vez e quer voltar sempre.

— O senhor conhece a lenda do Pirata? — continuou a menina.

— Todo mundo que vai à ilha acaba ouvindo a história, os pescadores adoram contar esses causos. É só uma crença. Mas não se preocupe, tem uma porção de coisas verdadeiras para se ver e fazer na ilha, as praias são uma beleza, os bancos de corais, trilhas, o passeio até o Forte, uma construção de 1800 e qualquer coisa.

Carol deu-se por satisfeita com tudo o que o local tinha a oferecer; e quando chegaram ao cais nem pensava mais em piratas.

O barco que fazia o traslado à ilha já estava no ancoradouro. Chamava-se Corisco, tinha cerca de vinte metros